

SILVA FREIRE

CADERNO

3

DE CULTURA

(POEMAS)

Meu chão... Pássaro implume

PARA PEDROSSIAN

— ÁRABE DESTA TRIBO

— POETA DAS FORMAS EXPOSTAS

Rija armação criadora
cimentando
você, pássaro implume,
que não a beijou na floração modesta de seu destino heróico..

— Ah, êsse estaquear de novas direções
dimensionando o sonho que esplende
 espouca
 e explode
na poeira geográfica do sorriso histórico...!

Ouço o chia-chiar de carrinhos de ferro
carregando pedaços-de-peças-e-pedaços
da nova cidade, minha-irmã-gêmea...

Vejo carretilhas imantadas zunindo e gritando,
no atrito do cabo-de-aço
 da corda d'embira
 no corpo-a-corpo,
o anúncio sôfrego de mais argamassa
 que sobe
 fica
 que prega e respinga;
casa-antena-chaminé-estrada-hospital-usina-escola-civilização!

Escuto algazarra borbulhante de cal virgem
se decompondo e curtindo, ao impacto d'água daqui,
nos tambores-serventes da grande reconstrução...

Passam poagens no ar
sopradas ao vento dos dentes de serras que serram o mogno,
consolidando o legendário portal do portão amazônico.
E me alegre, Amigo, no trêfego bulício de gente que presta
traçando massa às lages de piso e fôrro
encurvecida no suor
 do Zé
 do João
 Chico Leal
 Bugre
 Dito
 Mestre Pedro,
 do operário sem nome
— ilustre desconhecido, irmão primeiro do progresso-horizontal-vertical-vitória!

E me fortaleço mais, Compadre, ao ver socarem
 Crispim
 Fagundes
 Simplicio
 Pitú
 Gabi
 Chico Fortes

nas fôrmas de concreto-armado/
tantas vigas de segurança e amarração do fato irrecusável,
que testemunho e participo!

E me desculpo, no galopar constante e provisório
de enormes bôcas
e línguas rôtas
sôltas

lanhando caminhos vivos de minha infância,
— apregoando o amanhecer macio
que vem vindo lá do bairro alegre do Terceiro . . .

E me perdôo ainda, Companheiro, porque, alí, bem alí mesmo,
nasceu
inteligente
outra solução de côres inaugurais em

óleo fôsko
pedraria
pastilha
e gêsso.

Pois não lamento mais, Irmão, o desmoronar indenizável
da estrutura mais querida

que viveu comigo
se coloriu
sorriu
lacrimou
foi testemunha

e se marginalizou, ensopada no sereno-luar-passante.

Não me lamento mais, meu pai,
porque alcanço o linguajar relâmpago
dêsses passos marchi-oestinos

trepidantes
horizontalizados na prensa telegráfica
e verticalizando-se no resumo mineral do tempo

— êsses passos novos que se cruzam

hoje
agora
aqui
já

— inaugurando anseios

esquinas
divisas
retas
rótulas

e horizontes largos nessas mesmas ruas
trabalhando curvas . . .

E nem protesto, Senhor que chega,

porque
o cheiro
que cheiro
é o cheiro

que cheira à laminação universal de sombras verdes,
bafeadas pelo idioma que se estratifica na imantação do atrito

de corpos
de ferro
e ferramenta e aço
e esforço músculo-intelecto-Homem!,

pois estou atento e de frente,

em reverência às máquinas-gente que passam
no lombo firme do caminho aberto,
rumo à fronteira dilatada no pedestal dos Andes.

Só me entristeço, Mãe, quando a geração que passa,
entende em ver e construir fantasmas
no líquido cristal do sol luminescendo as curvas sensuais
do chacareiro Coxipó da Ponte.

7. — os que passam
os que passaram por ti
por nós
sem temer respeito
pelos frutos secos
híbridos
crespos
caídos
- fiscais do que passou sem jeito
sem passos de marcar em nossas vidas
- passam
passaram distraídos, não ficaram, que,
para ficar, hão de vestir primeiro a identidade inviolada
de que se forma o sobrecéu da imagem cuiabana.

(do poema: Cuiabá, ou a transição global de si mesma)

DO MESMO AUTOR

- **Canção do Amor que te quero** - poemas
1º Caderno
- **Rondon: Silêncio Orgânico de Flôres** - poema
2º Caderno

A PUBLICAR

- **Cuiabá, Cuiabaniinha** - poema - reportagem
- **Jápa**, e outros contos regionais - prosa
- **Canção proibida** - poemas
- **Chão, Terra e Pasto** - poema
- **Poema em pôse de pedra** - poemas
- **Paisagem além do homem** - crônicas